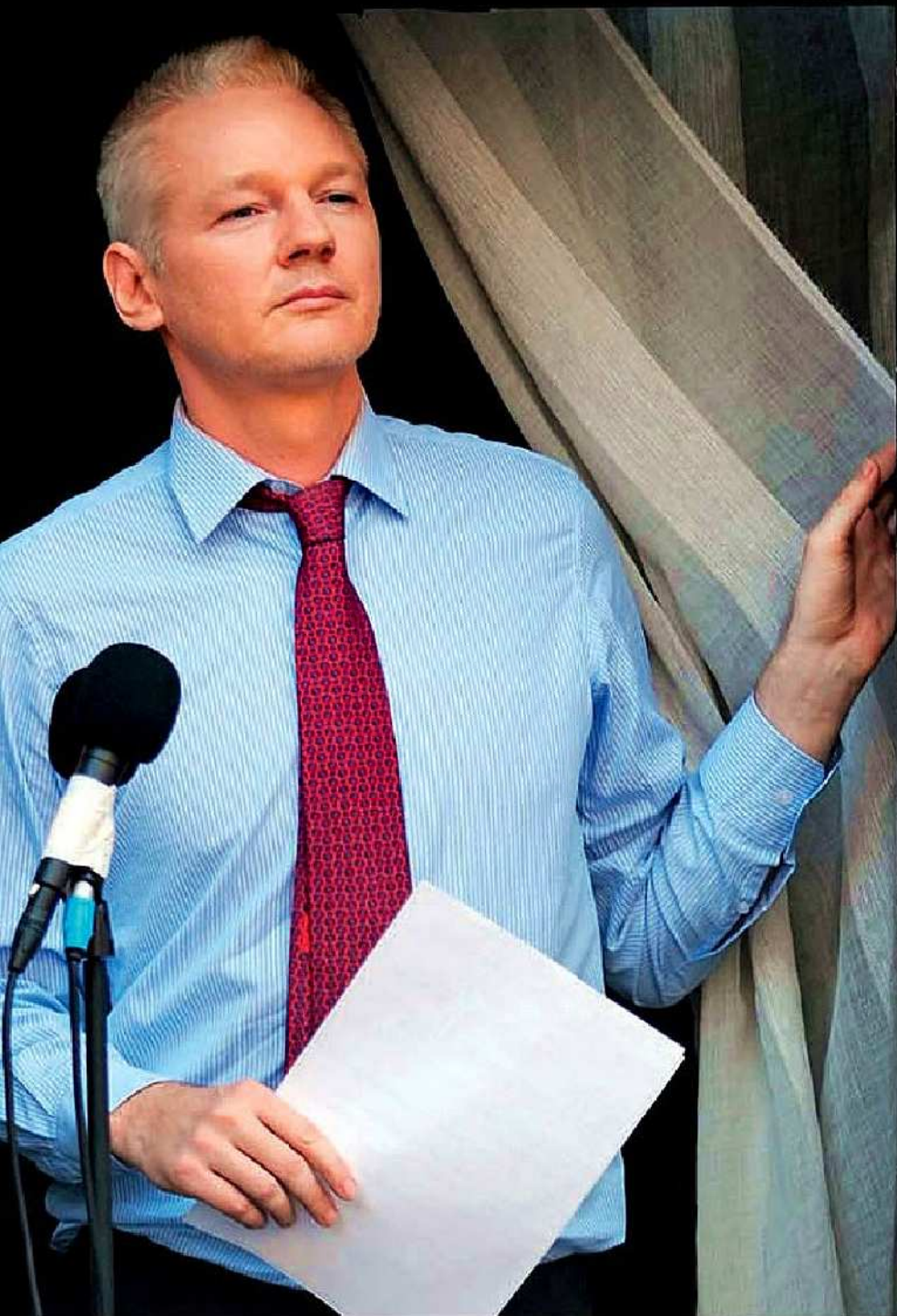


O HACKER MESSIÂNICO



No livro *Cyberpunks*, Julian Assange diz que sua missão é defender a privacidade dos indivíduos e a transparência dos poderosos, mas se contradiz ao elogiar regimes tiranos

NATHALIA WATKINS

O hacker australiano Julian Assange já se provou um mestre em esconder atitudes suspeitas ou criminosas sob uma máscara de civilidade. Ele mora há seis meses na Embaixada do Equador em Londres por uma simples razão: está fugindo da Justiça sueca, acusado de ter feito sexo não consensual com duas voluntárias do seu site, o WikiLeaks. Assange diz que o motivo real seria uma perseguição internacional promovida pelos Estados Unidos, com o objetivo de condená-lo à pena de morte. O governo americano estaria em seu encalço por ele ter vazado documentos militares das guerras do Iraque e do Afeganistão e telegramas de diplomatas americanos. Sua defesa aparece no livro *Cyberpunks: Liberdade e o Futuro da Internet*, publicado no mês passado na Inglaterra, ainda sem previsão de lançamento no Brasil. Na obra, em que narra discussões com amigos hackers, Assange se coloca como um herói visionário que luta contra os estados, revelando seus segredos, ao mesmo tempo em que protege a privacidade dos indivíduos. A internet é para ele um facilitador dos totalitarismos, e os códigos de computação, sua principal arma. “Muitos consideram a internet um meio de civilização global, mas estão errados, porque nunca encontraram o inimigo. Nós o encontramos”, afirma na introdução.

Apesar de Assange se apresentar como salvador da privacidade digital, o que o move é um profundo antiamericanismo. Em mensagens que ele enviou para outros hackers em 2007, disse que

ASILO Assange olha os fãns da janela da Embaixada do Equador em Londres, em agosto: acusado de sexo não consensual, ele se recusa a ser julgado na Suécia

CARL COURT/AFP



JON HICKS/CORBIS/LATINSTOCK

uma das missões do WikiLeaks seria a total aniquilação do atual governo americano e de qualquer outro que exerça a autoridade por meio da mentira. No livro *Cypherpunks*, Assange critica o fato de o centro de operações das bandeiras de crédito estar fisicamente localizado em território americano, o que daria aos Estados Unidos poder sobre as informações de cidadãos do mundo todo. “Se Putin sai para comprar uma Coca-Cola, a informação chega a Washington trinta segundos depois”, exagera Assange. Visa, MasterCard, PayPal e Bank of America teriam sido forçadas a fazer isso pela Casa Branca. A ideia de que toda e qualquer informação privada pode ser acessada por um regime democrático é uma ilusão. “Para obter acesso a uma informação pessoal como transações de cartão de crédito é necessário que haja a suspeita de um crime e uma autorização judicial”, diz a advogada Nadia de Araujo, especialista em direito internacional, no Rio de Janeiro. “Se as empresas decidiram manter suas sedes nos Estados Uni-

dos, é exatamente porque lá o sigilo é mais respeitado.”

O nome do livro, *Cypherpunks*, deriva de “cifrar” (escrever em código) e do movimento cultural anárquico da década de 70. A junção das duas expressões surgiu pela primeira vez em uma lista de discussão entre hackers na internet, criada na Califórnia, em 1992. Os assuntos discutidos eram racismo, sexo e homofobia. Assange, um dos participantes, fazia intervenções duras, chamando seus colegas de “idiotas”, “imbecis” e “analfabetos”. Em 1997, o movimento arrefeceu após alguém propor a nomeação de um moderador para as mensagens. Foi o primeiro e último teste de democracia a que o grupo foi submetido.

POR MAIS TRANSPARÊNCIA *Desfile de militantes do Partido Pirata, nas ruas de Berlim: um movimento com um programa político dedicado às causas digitais*

A privacidade individual e a transparência de governos são causas legítimas. Há, na Suécia e na Alemanha, até partidos políticos (denominados Piratas) que as defendem. Seus representantes, embora um pouco folclóricos, lutam, dentro do jogo democrático, para criar normas para uma internet livre. Já o objetivo de Assange é legitimar a invasão eletrônica de sistemas e o roubo de informações de seus inimigos. O fato de fazer elogios a regimes autoritários prova que ele não é tão libertário assim. Estão na lista de suas afinidades Rafael Correa, do Equador, o grupo xiita Hezbollah, do Líbano, e Vladimir Putin, da Rússia. Enquanto Assange curte seu asilo na Embaixada do Equador em Londres e evita responder às acusações de abuso sexual, Bradley Manning, o soldado que vazou documentos secretos para o WikiLeaks, começará a ser julgado em março de 2013, nos Estados Unidos, por traição e outros 21 crimes. Assange trata Manning como um mártir de sua causa. Pode até ser. Duro é confiar nas reais intenções do hacker australiano. ■

PATRICK SEMANS/VAP



MÁRTIR? *Manning chega para uma audiência judicial nos Estados Unidos: o soldado que revelou segredos de estado ao WikiLeaks é acusado de 22 crimes*